



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Instituto de Ciências Exatas e Biológicas

Departamento de Evolução, Biodiversidade e Meio Ambiente

Arthur Afeitos Silva

Percepção dos moradores do entorno da Floresta Estadual do Uaimií,  
Ouro Preto, MG, sobre o Cateto (*Dicotyles tajacu*), sua conservação e a  
ameaça de caça

OURO PRETO

Agosto 2023

Arthur Afeitos Silva

Percepção dos moradores do entorno da Floresta Estadual do Uaimií,  
Ouro Preto, MG, sobre o Cateto (*Dicotyles tajacu*), sua conservação e a  
ameaça de caça

Monografia apresentada ao Departamento  
de Biodiversidade, Evolução e Meio  
Ambiente do Instituto de Ciências Exatas e  
Biológicas da Universidade Federal De Ouro  
Preto como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Bacharel em Ciências  
Biológicas

Orientadora: Maria Rita Silvério Pires

OURO PRETO

2023



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Arthur Afeitos Silva**

**Percepção dos moradores do entorno da Floresta Estadual do Uaimií (Ouro Preto, MG) sobre o Cateto (*Dicotyles tajacu*), sua conservação e a ameaça de caça**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas

Aprovada em 01 de agosto de 2023

### Membros da banca

Dra. Maria Rita Silvério Pires – Presidente da banca - Universidade Federal de Ouro Preto  
Dra. Maria Cristina Teixeira Braga Messias - Universidade Federal de Ouro Preto  
Dr. Cristiano Schetini de Azevedo - Universidade Federal de Ouro Preto

Maria Rita Silvério Pires, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/08/2023



Documento assinado eletronicamente por **Maria Rita Silverio Pires, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/08/2023, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0564594** e o código CRC **E0F43E96**.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à Professora Maria Rita e ao Professor Cristiano pelos ensinamentos e pela orientação. Em especial agradeço a Maria Rita e a Paulinha, junto aos envolvidos na realização das entrevistas, por me fornecerem os dados para a escrita deste trabalho.

Agradeço aos amigos por toda força e paciência nesse tempo. Em especial Elder, Luiz, Quézia, Débora, Jéssica, Yasmin, Rennan e Júlio.

Agradeço a Vallourec pelo suporte financeiro e à Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa e Inovação da Universidade Federal de Ouro Preto pelas bolsas de iniciação científica para a execução desse projeto. Agradecemos aos moradores das comunidades do entorno da Floresta Estadual do Uaimií por compartilharem conosco suas visões sobre a fauna da região.

Por fim, um agradecimento especial aos meus pais por acreditarem em mim e fazerem de tudo para que esse curso tivesse o maior aproveitamento possível. À Kând pela paciência nesse tempo, pelo carinho e apoio. Obrigado a vocês pela motivação e pelo amor incondicional!

## **Percepção dos moradores do entorno da Floresta Estadual do Uaimií, Ouro Preto, MG sobre o cateto *Dicotyles tajacu* (Linnaeus 1758) (Mammalia, Cetartiodactyla): conservação e a ameaça de caça**

### **Resumo**

Os catetos ou porcos-do-mato, *Dicotyles tajacu*, são reconhecidos como importantes dispersores de sementes e contribuem diretamente para a manutenção da vida de animais de serrapilheira. A manutenção dessa espécie é fundamental em florestas protegidas e alvo de políticas de conservação, como é o caso da Floresta Estadual do Uaimií (FLOE- Uaimií), inserida na Área de Proteção Ambiental Cachoeira das Andorinhas. O presente estudo segue a abordagem etnozoológica, que é a ciência que estuda os conhecimentos e as interações das pessoas com os animais. O objetivo desse estudo foi avaliar as percepções das comunidades localizadas no entorno da FLOE-Uaimií em Ouro Preto-MG quanto aos catetos, seu estado de conservação e se a caça constitui uma ameaça à espécie. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas dirigidas às pessoas residentes na região a mais de 20 anos. Diante disso, analisamos se o animal é avistado na região de estudo e constatamos que os catetos ocorrem na região e são conhecidos pela população. Avaliamos a percepção dos moradores sobre a espécie, em função de exercerem ou não atividade agrícola, partindo da premissa de que o animal é conhecido por causar danos às lavouras e cercas, durante sua busca por alimento. Diferentemente do esperado, os agricultores não têm uma visão negativa quanto aos catetos. Por fim, investigamos a percepção dos entrevistados em relação ao declínio populacional dos catetos. Constatamos que este declínio vem sendo observado com preocupação. Foram relatadas relações causais entre o declínio do cateto e a caça. Aferimos que a caça é praticada na região e os catetos são alvos comuns, visto que sua carne é apreciada como recurso alimentar. São sugeridos estudos complementares para compreender a importância da caça para a população, relacionados ao nível de segurança alimentar desses moradores rurais. Os resultados desses estudos subsidiariam o poder público na elaboração de ações interventivas de educação ambiental e manejo dessa espécie, visando a conservação da fauna nativa e da qualidade de vida da comunidade local.

Palavras-chave: percepção, catetos, conservação, ameaça de caça.

## Sumário

Resumo.....	6
Materiais e métodos .....	13
Resultados .....	17
Discussão .....	23
Conclusão .....	26
Referências bibliográficas.....	27
Apêndice.....	33
Anexos.....	34

## Introdução

Diversas florestas, aparentemente intactas, vêm sofrendo com a perda da fauna silvestre (REDFORD, 1992; LAURANCE *et al.*, 2000; NAMKHAN *et al.*, 2021). A desfaunização é um problema grave para as áreas de preservação, uma vez que diversos serviços ecológicos deixam de ser realizados. A diminuição ou perda de grandes mamíferos dispersores de sementes é um ótimo exemplo de como a perda dos animais pode acarretar mudanças na estrutura das florestas e nas funções ecossistêmicas, constituindo risco para a biodiversidade (REDFORD, 1992; PERES & PALACIOS, 2007). No Brasil, a redução das populações de animais silvestres é causada principalmente perda de habitat e pela caça (DIRZO & RAVEN, 2003). A caça é conceituada como a captura de qualquer espécie animal diretamente da natureza para qualquer finalidade (NASI *et al.*, 2008).

A espécie *Dicotyles tajacu* (Linnaeus 1758)(Tayassuidae, Cetartiodactyla, Mammalia) conhecida é localmente como porco-do-mato, cateto, catitu ou taititu. Indivíduos adultos medem em torno de 0,75 a 1,0m de comprimento; 0,40 a 0,45m de altura e com o peso variando de 14 a 30Kg (NOWAK & PARADISO, 1983). Seus pelos são longos, ásperos e geralmente pretos com anéis brancos, conferindo uma pelagem acinzentada. Apresentam uma crina erétil no dorso composta de pelos que tendem a ser mais escuros e, destacando-se na região do pescoço uma faixa de pelos brancos com aspecto de colar (SOWLS, 1984). Os catetos apresentam a cabeça desproporcionalmente grande em relação ao restante do corpo. Praticamente não existe dimorfismo sexual nesta espécie, só sendo possível distinguir os sexos pela visualização do escroto dos machos, quando observados à curta distância (SOWLS, 1984).

Em condições naturais, os catetos formam grupos de cinco a 15 indivíduos, incluindo animais jovens e adultos de ambos os sexos (NEAL, 1959; ELLISON & HARWELL, 1969; SCHWEINSBURG, 1971). Normalmente, os grupos são estáveis e os seus membros não são expulsos, permanecem no grupo natal até a morte (NOGUEIRA FILHO, 1996; NOGUEIRA FILHO *et al.*, 1999). Não há formação de bandos só de machos ou haréns. No

entanto, podem ocorrer fragmentações temporárias na época das chuvas, quando a vegetação fica mais densa, tornando mais difícil a defesa contra predadores (SOWLS, 1984). Os catetos apresentam ampla distribuição geográfica e vivem em grande diversidade de habitats, desde regiões de florestas tropicais úmidas a regiões semiáridas, conseguindo sobreviver mesmo em áreas antropizadas (SOWLS, 1984). A capacidade de sobrevivência dos catetos em condições adversas se deve às adaptações fisiológicas e comportamentais, como por exemplo, o hábito alimentar onívoro, envolvendo o consumo de diversos itens alimentares como frutos, folhas, raízes e tubérculos (SOWLS, 1984; PRADO *et al.*, 2013). Devido ao seu hábito alimentar, os catetos são reconhecidos como importantes dispersores de sementes (GALETTI *et al.*, 2001).

Assim como todo grande herbívoro, os catetos são afetados pelas alterações em seu habitat, pois necessitam de grandes áreas para encontrar recursos e ainda sofrem frequentemente com a pressão da caça (CHIARELLO, 1999; PINTO *et al.*, 2012). O cateto é frequentemente considerado como uma “praga agrícola”, por invadir cultivos de mandioca e milho (SANTOS *et al.*, 2009; ABRAHMES *et al.*, 2018). Esse fator agrava a pressão de caça sofrida por essa espécie, que é considerada ameaçada de extinção em Minas Gerais, sendo classificada como vulnerável (CHIARELLO *et al.*, 1999; LESSA *et al.*, 2012). Em Ouro Branco, município próximo à região de estudo, também na porção sul da cadeia do Espinhaço, o cateto foi reportado como raramente avistado (BRAGA *et al.*, 2018). O declínio populacional regional dessa espécie pode ser causado ou agravado pela caça (PINTO *et al.*, 2012).

A caça é um problema que vai além do contexto ambiental, pois quando realizada para consumo humano, se torna também uma questão de subsistência (BENNETT *et al.*, 2002; MILNER-GULLAND *et al.*, 2003). No contexto ambiental, a caça pode causar desde depressão populacional até extinção local, desencadeando uma série de impactos negativos na estrutura da comunidade biológica (ANTUNES *et al.*, 2016; CONSTANTINO, 2016; CULLEN *et al.*, 2001; ROBINSON & BENNETT, 2000; TABARELLI *et al.*, 2010). A perda ou diminuição dos catetos pode também afetar diretamente a ocorrência de outros grupos zoológicos. Foi observado que em áreas livres de cateto, a fauna de anfíbios e lagartos de serapilheira foi drasticamente reduzida (REIDER *et al.*,

2013). Já no âmbito de subsistência, a caça é considerada um recurso alimentar para algumas comunidades, como aquelas que vivem afastadas em áreas rurais e em regiões de florestas, que tradicionalmente dependem da fauna selvagem para obtenção de carne (BRAGAGNOLO *et al.*, 2017 a, b; GAMA *et al.*, 2016; ROBINSON & BENNETT, 2002).

A caça excessiva de animais selvagens é um tema em constante debate. Alguns argumentam que a caça representa um sério problema para as estratégias de conservação bem-sucedidas, defendendo a proibição completa como única forma de proteger as espécies selvagens (DI MININ *et al.*, 2021; SANTOS *et al.*, 2011). No entanto, a implementação de proibições de caça em muitos contextos pode ser regionalmente complicada e dispendiosa, além de ser objeto de contestação por razões éticas (ADAMS & MCSHANE, 1992; OSTROM *et al.*, 1999). Por outro lado, outros argumentam que a única esperança de combater os padrões de uso de recursos de forma destrutiva é a redução da pobreza rural e a melhoria dos níveis de renda, nutrição, saúde e educação por meio da promoção do comércio de vida selvagem (BRANDON & WELLS, 1992). Contudo, essa abordagem pode levar a uma rápida exploração e degradação dos recursos da vida selvagem (ROBINSON & REDFORD, 1991).

Existem poucos estudos para subsidiar a formulação de políticas públicas para desenvolver e implementar estratégias para conter a caça ilegal, e conseqüentemente, evitar a perda de espécies. Alguns autores consideram que, em longo prazo, através de um controle eficiente, seja possível a exploração desse recurso como fonte de alimento e renda (BENNETT *et al.*, 2007; ROBINSON & BENNETT, 2000). Visto isso, é importante entender a visão da comunidade alvo quanto à fauna local, para que se possa avaliar o impacto da caça sobre a conservação de determinada espécie. Por outro lado, deve-se considerar também se existem questões culturais relacionadas a essa atividade e é nesse sentido que se insere este estudo.

Este trabalho faz parte do Projeto Cateto, que teve início em 2017, e consiste em uma iniciativa de avaliar a viabilidade de translocação de indivíduos da espécie *Dicotyles tajacu* para a Floresta Estadual do Uaimií (FLOE-Uaimií). A FLOE-Uaimií está localizada no interior da Área de Proteção Ambiental (APA) Cachoeira das Andorinhas. As APAs têm como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de

ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (Instituto Socioambiental – ISA, 2018).

No âmbito do Projeto Cateto, foram estudados animais cativos mantidos na Fazenda Engenho d'Água, Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), localizada às margens da FLOE-Uaimií no município de Ouro Preto. Trata-se de um criatório de animais silvestres licenciado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG). Este projeto envolveu pesquisas sobre aspectos comportamentais (FARIA *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2020), genéticos e parasitológicos de grupos de catetos cativos, além de um estudo etnozoológico junto à população que vive nos entornos da floresta.

Ao longo do estudo etnozoológico foram realizadas as entrevistas junto à comunidade local, versando sobre a percepção da população sobre a fauna e particularmente sobre o cateto. Parte dos dados obtidos nas entrevistas são analisados no presente estudo, com o objetivo de avaliar a percepção da população do entorno da Floresta Estadual do Uaimií sobre o estado de conservação local do cateto (*Dicotyles tajacu*), e se a caça constitui uma ameaça à espécie. A etnozologia é um ramo da etnobiologia que estuda os conhecimentos, os significados e os usos dos animais nas sociedades humanas (OVERAL, 1990). É uma área da ciência que, de maneira transdisciplinar, pesquisa as percepções, representações afetivas e as atitudes com relação às espécies de animais (MARQUES, 2002).

Trabalhamos com as seguintes hipóteses:

(1) Os catetos são raramente avistados no entorno da FLOE-Uaimií. Essa hipótese se baseia no fato de que a espécie se encontra localmente extinta em algumas regiões de Minas Gerais e foi relatada como raramente avistada em estudos na Serra do Ouro Branco, próximo à região do presente estudo.

(2) Os moradores, que mantêm hortas ou outros cultivos em suas propriedades, terão uma visão negativa sobre a espécie. Sendo os catetos, as quexadas e porcos domésticos conhecidos como praga agrícola, por causar danos às plantações, é previsto que percepção das pessoas variem em função de sua atividade no meio rural.

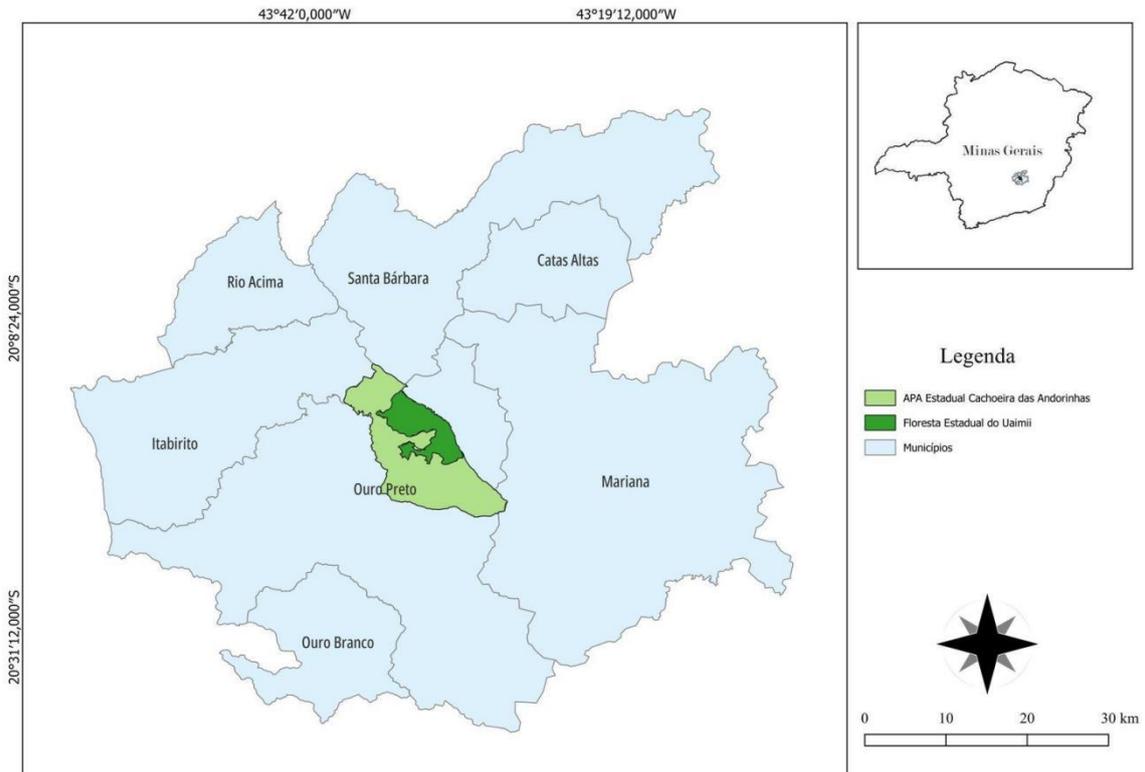
(3) O cateto é alvo de caça na região da FLOE-Uaimí. Moradores de comunidades rurais tradicionalmente praticam a caça e utilizam a carne de animais silvestres como recurso alimentar.

## **Materiais e métodos**

### **Área estudo**

A região de estudo está inserida na porção sul da Cadeia do Espinhaço, no Domínio da Floresta Atlântica com predominância fitofisionômica de floresta estacional semidecidual, campo limpo, campo sujo e campo rupestre (SCOLFORO & CARVALHO, 2006). O clima é classificado como Cwb, do tipo subtropical de altitude, com inverno seco e verão chuvoso, apresentando precipitação média anual de 1.188 mm e a temperatura anual média do ar entre 14°C e 22°C (ALVARES *et al.*, 2014; PEDRALLI *et al.*, 2001).

A Floresta Estadual do Uaimií (FLOE-Uaimií, 20° 14' 39" Sul 43° 35' 17" Oeste) foi criada em 2003 pelo Decreto Estadual S/Nº de 21/10/2003. Abrange área de 4.398 ha e está inserida na Área de Proteção Ambiental Cachoeira das Andorinhas. Essas áreas protegidas são unidades de conservação de uso sustentável, constituídas por terras públicas e privadas gerenciadas pelo Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (REZENDE *et al.*, 2011) (Figura 1).



**Figura 1.** Localização da Floresta Estadual do Uaimií (FLOE- Uaimií), integrada à Área de Proteção Ambiental Estadual Cachoeira das Andorinhas (APA), no município de Ouro Preto, e sua localização no Estado de Minas Gerais (Mapa elaborado por Elder Salgueiro).

As comunidades em estudo foram: Água Limpa, Brás Gomes, Capanema, Carrancas, Catarina Mendes, Cristal, Engenho d'Água, Maciel, Maracujá, Soares e o distrito de São Bartolomeu - todos pertencentes ao município de Ouro Preto (Tabela 1). Como critério para a escolha dos entrevistados foi definido que este deveria ser morador da região há pelo menos 10 anos. Foram selecionadas localidades como casas, sítios e fazenda dentro de um raio de cinco quilômetros do limite da FLOE-Uaimií (Figura 2).



**Figura 2.** Mapa mostrando limites da Floresta Estadual do Uaimii (linha vermelha contínua) e a localização dos 11 povoados estudados. A localidade Maracujá está representada juntamente com a localidade Capanema (Mapa elaborado por Luiz Henrique Dias Braga. Imagem: Google Earth).

### As entrevistas

As entrevistas foram realizadas no período entre outubro de 2017 e abril de 2018, por integrantes do Laboratório de Zoologia dos Vertebrados da Universidade Federal de Ouro Preto (LZV-UFOP) coordenados pela professora Maria Rita Silvério Pires. Foram entrevistados 64 moradores de 11 localidades próximas à FLOE-Uaimii (tabela 1), sendo elas sítios isolados e pequenos povoados. As entrevistas foram realizadas para a obtenção de um primeiro diagnóstico sobre a percepção do cateto na região, sem a intenção de realizar um censo.

A metodologia das entrevistas, segundo uma abordagem qualitativa, seguiu Amorozo e Viertler (2010). Inicialmente, foram apresentados os objetivos do projeto, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO I),

previamente aprovado pelo comitê de ética em pesquisa (ANEXO II), licença número 2.071.836. Em seguida, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas (ANEXO III), contendo perguntas relativas à: I) perfil dos entrevistados, II) sobre a relação desses com a fauna local e, III) a percepção dos entrevistados sobre o cateto e seu estado local de conservação. Dentre as questões da entrevista, foi empregada a técnica da Lista Livre, que consistia em pedir ao entrevistado que mencione os animais que ele vê com maior frequência nas proximidades de sua propriedade (QUINLAN, 2017).

**Tabela 1.** Relação do número de entrevistados em cada localidade.

Localidade	Entrevistados		
	Mulheres	Homens	Total
São Bartolomeu	4	13	17
Soares	3	6	9
Maciel	11	7	18
Mina de Capanema	1	1	2
Maracujá	1	0	1
Engenho d'Água	2	3	5
Cristal	0	3	3
Catarina Mendes	1	0	1
Carrancas	1	0	1
Brás Gomes	0	2	2
Água Limpa	3	2	5
Total	27	37	64

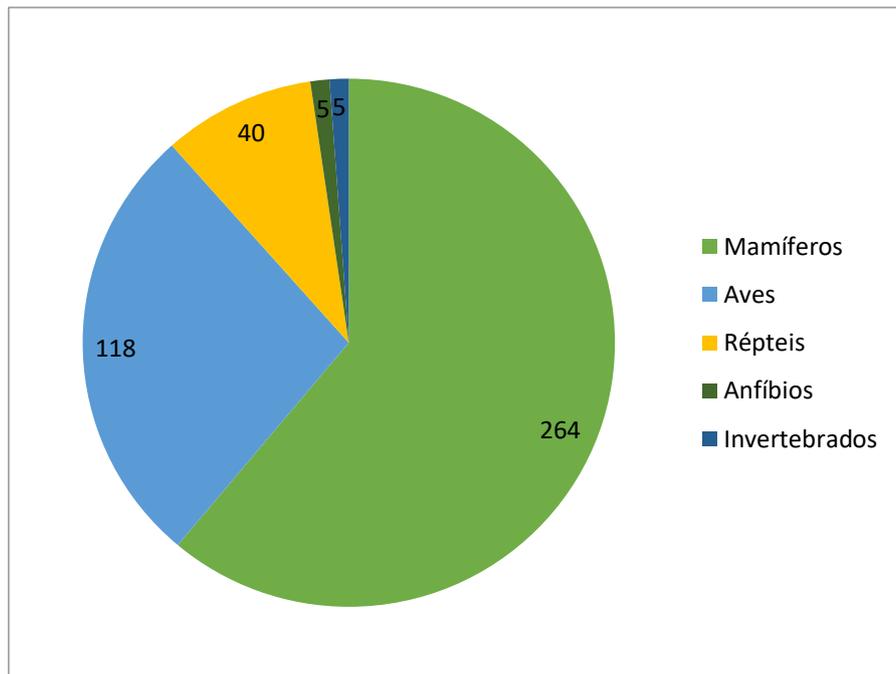
## Resultados

### Percepção dos entrevistados quanto ao cateto

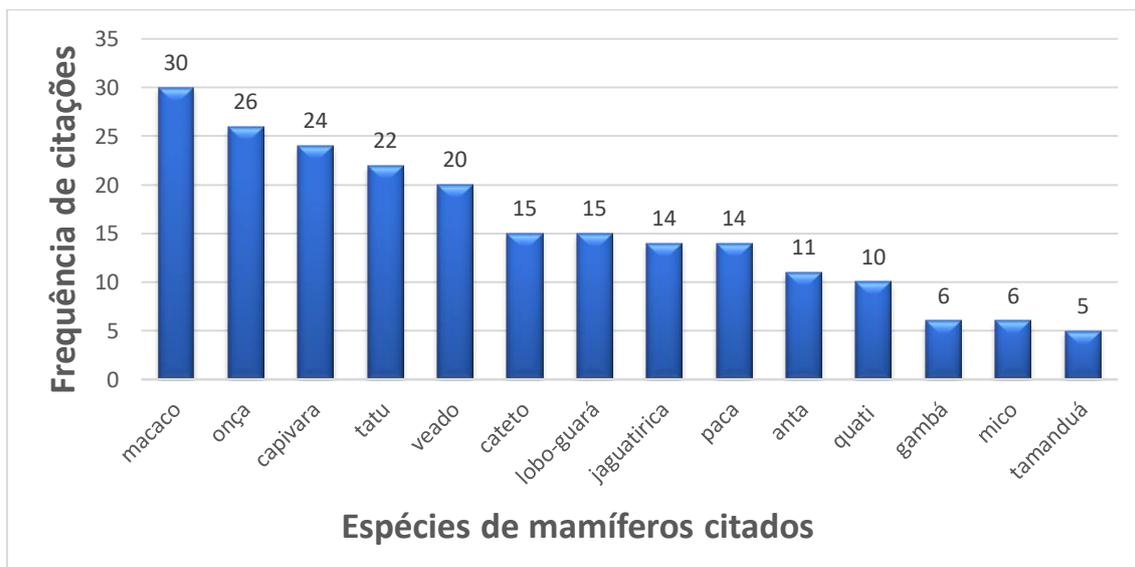
Do total das 64 pessoas entrevistadas, 27 foram mulheres e 37 homens, em uma faixa etária de 18 a 70 anos, com a maioria entre 50 e 60 anos. O grau de escolaridade de mais de 45% dos moradores entrevistados é até a 4ª série do ensino fundamental, 30% têm o ensino médio completo e 14% nunca foram à escola. Cerca de 55% dos entrevistados residem na região a mais do que 30 anos.

Quando perguntado quanto aos animais que se aproximam da propriedade, o grupo zoológico mais citado foi Mamífero, seguido por Aves (Figura 4). Dentre as aves, jacu (*Penelope obscura*), “passarinho”, seriema (*Cariama cristata*), saracura (*Aramides spp.*) e tucano (*Rhamphastos toco*) foram os mais mencionados.

Entre os mamíferos, a citação de espécies de médio porte foi predominante. O termo “macaco” foi o mais citado, indicando provavelmente o guigó (*Callicebus nigrifrons*) ou saguis (*Callithrix penicillata*). No período das entrevistas, havia um comentário muito frequente de que uma onça havia sido avistada na região de São Bartolomeu e, dessa forma, esse registro foi o segundo mais frequente. Caititu, como é denominado localmente o cateto, foi o sexto animal mais citado entre os mamíferos (Figura 5), tendo sido mencionado espontaneamente na lista livre por 16 moradores de oito dentre os 11 distritos (Figura 5).



**Figura 4.** Grupos zoológicos mencionados na amostragem. A escala da frequência de citações mostra o número de vezes que um animal foi citado.



**Figura 5.** Mamíferos mencionados na amostragem pelo método da Lista Livre entre moradores do entorno da Floresta Estadual do Uaimií, com 5 ou mais citações.

**Hipótese 1.** Os catetos são raramente avistados;

Dentre os entrevistados, 95% afirmaram conhecer o cateto. Entretanto, em outros momentos da entrevista, 36% dos entrevistados afirmaram nunca ter visto esse animal e ele foi mencionado espontaneamente em 25% das entrevistas. Três entrevistados não responderam a essa pergunta. Dentre os entrevistados que

responderam que já viram o cateto, 21% mencionaram que o viram próximo da propriedade ou na plantação.

Dos entrevistados, 86% descreveram o cateto mencionando sua aparência e seus hábitos de forrageamento em hortas e lavouras nas propriedades rurais. As descrições e observações dos entrevistados foram condizentes com as informações da literatura. Os entrevistados detalham aspectos da aparência do animal, seus hábitos alimentares, a forma como se deslocam na floresta e mencionam a questão de ser animal invasor de plantações (Tabela 2).

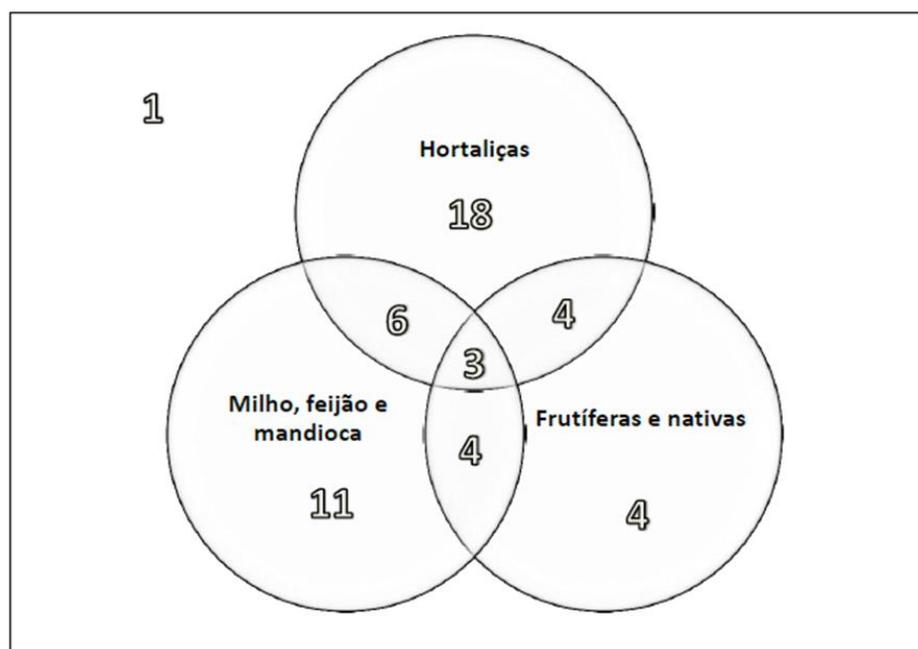
**Tabela 2.** Cognição comparada entre o conhecimento dos entrevistados na região do entorno da Floresta Estadual do Uaimií e dados da literatura a respeito da espécie *Dicotyles tajacu* Linnaeus, 1758.

Conhecimento Popular	Literatura
<p><i>“catitu tem carinha curta e pelo grosso. Diz que é bravo e ataca as pessoas. Diz que a carne é a mesma do porco”</i></p> <p><i>“imita o porco comum, é muito espinhudo, o pelo tipo um espinho”</i></p>	<p>Os pelos do cateto são ásperos e longos, de coloração escura com anéis brancos em volta do pescoço, como um colar (SOWLS, 1984)</p>
<p><i>“andam em bando”</i></p> <p><i>“andam em carroto”</i></p>	<p>Os catetos andam em bando que variam de 5 até 25 indivíduos (PERES, 1996)</p>
<p><i>“arisco, só vê quando tá em manada, muitos não deixam aproximar”</i></p> <p><i>“não é muito bravo, mais manso, parece um porco e estraga as plantas”</i></p>	<p>Um dos comportamentos de defesa dos bandos é a fuga quando se sentem ameaçados, correndo pelas trilhas em fila indiana se espalhando e bifurcações na mata (NASCIMENTO JÚNIOR, 1993).</p>
<p><i>“bravo, ficam batendo quexada quando encontram com as pessoas”</i></p>	<p>Podem a apresentar postura de ataque pelo macho ou a fêmea dominante do grupo, em que eriçam os pelos e estalam os dentes (NASCIMENTO JÚNIOR, 1993).</p>
<p><i>“destruidor de roça, se bater na roça de milho acaba”</i></p> <p><i>“come milho, feijão, come tudo”</i></p> <p><i>“Iguar porco de casa, são muito magro alimentam só de folha”</i></p>	<p>Os catetos são animais generalistas, onívoros se alimentam de várias partes de plantas como folhas, frutos, sementes e raízes, bem como pequenos vertebrados e invertebrados. (NASCIMENTO JÚNIOR, 1993).</p>
<p><i>“já vi reportagem sobre caça e tem lugar que até autorizam”</i></p>	<p>Art. 37. Não é crime o abate de animal, quando realizado: II - para proteger lavouras, pomares e rebanhos da ação predatória ou destruidora de animais, desde que legal e expressamente autorizado pela autoridade competente (Lei Federal 9.605/1998).</p>

**Hipótese 2.** Os moradores, que mantêm hortas ou outros cultivos em suas propriedades, terão uma visão negativa sobre a espécie.

*"Época de plantação de milho e feijão eles comem tudo. Andam em bando. Comem tudo que acham na frente"* foi o que um dos entrevistados relatou a respeito do cateto. Milho e feijão são culturas de subsistência muito frequentes na região. O plantio para subsistência e comercialização integra cerca de 80% dos habitantes do entorno da floresta, isto é, dos 64 entrevistados 51 disseram que mantêm alguma plantação.

Desse total de 51 pessoas que plantam onde moram, 35% trabalham exclusivamente com hortaliças, enquanto que 21% plantam milho, feijão e mandioca. Por outro lado, 12% mantêm, tanto culturas de hortaliças, quanto de milho, feijão e mandioca. Uma parcela menor (8%) planta árvores frutíferas, que não são cobiçadas pelo cateto (Figura 6).



**Figura 6.** Tipos de cultivo agrícola mantidos por moradores da região estudada.

*"Na plantação de milho parece que passou trator, quando paramos de plantar eles param de aparecer"*. Essa citação corresponde à fala de um entrevistado que exemplifica

como o cateto é conhecido na região por atacar as plantações. Segundo a moradora de Catarina Mendes, a destruição causada pelo porco e outros animais fez com que algumas famílias deixassem de cultivar na localidade.

O grupo de pessoas que plantam (n=51) é bem maior do que o dos que não plantam (n=13). Dentre aqueles que plantam, é pequena a diferença entre o número de pessoas que tiveram uma visão positiva quanto ao cateto (n=23) e que tiveram uma visão negativa (n=19). Nove pessoas das que mantêm cultivo agrícola em sua propriedade não opinaram quanto a essa questão.

**Hipótese 3.** O cateto é alvo de caça na região da FLOE-Uaimí

Os entrevistados foram questionados quanto ao desaparecimento dos animais na região e 50% deles disseram que os animais estão de fato sumindo, 35% afirmaram que os catetos vêm desaparecendo. Quando perguntado se o desaparecimento de espécies da fauna é um problema, 81% dos entrevistados afirmaram que sim e quando perguntados o porquê de ser um problema recebemos respostas como:

*“Os bichos são donos daqui, é lugar deles”*

*“Se sumir é problema que é difícil ver, o povo sai caçando eles”*

*“Se desaparecer é caça”*

Contudo, quando perguntada a razão do desaparecimento dos animais, 55% não souberam responder e 26% afirmaram que é devido à caça. Quando perguntado aos entrevistados se é praticada a caça, a maioria deles negou (70%), porém 23% afirmaram que a caça ocorre. Contudo, 46 entrevistados (72%) souberam citar quais são os apetrechos utilizados na caça na região de estudo: arma de fogo, cachorro e armadilha foram os mais citados. Perguntamos também sobre a “serventia” do cateto. A maioria dos entrevistados (55%) responderam que o cateto serve como alimento, uma pessoa falou do uso do couro. Essas informações indiretamente mencionam a prática da caça, que ainda é exercida, mas pode ter sido uma atividade mais frequente no passado, segundo relato dos entrevistados.

## Discussão

A suposição de que a espécie estaria localmente extinta pôde ser refutada. A partir das entrevistas foi possível inferir que o cateto ainda ocorre na região. Embora seja raramente observado em alguns dos povoados do entorno da FLOE-Uaimií. Somente em dois povoados analisados, o avistamento e os ataques às plantações são mais frequentes. Em levantamento na serra do Ouro Branco, região próxima à área de estudo, essa espécie foi considerada rara, tendo sido registrada somente com base em entrevistas (BRAGA et al. 2018), enquanto que no noroeste de Minas Gerais, a espécie é documentada como localmente vulnerável (LESSA, et al., 2012).

A baixa frequência com que o cateto foi citado na lista livre dos animais vistos próximos às propriedades, assim como o número baixo de pessoas que já avistaram o animal fora da floresta indica que a espécie ou os prejuízos causados por ela não fazem parte da rotina dos povoados. Possivelmente, o conceito de “praga da agricultura” vem sendo transmitido entre as gerações, sem que atualmente a espécie represente uma ameaça às plantações na maioria dos povoados.

Considerando a “má reputação” do cateto no contexto da invasão às lavouras, foi possível avaliar se essa percepção se deve a algum tipo de vivência pessoal com o animal, ou se seria por “ouvir dizer”, independente da vivência. Nesse sentido, destacam-se as opiniões das pessoas que afirmaram nunca terem visto o cateto, pois estas foram capazes de descrever o animal, usando adjetivos como agressivo, bravo, destruidor de roça, bem como outros aspectos do comportamento do animal e até mesmo o sabor da carne. Assim, a fama negativa do porco parece ser mantida e transmitida oralmente até mesmo por pessoas que nunca tiveram qualquer experiência negativa ou mesmo já tiveram alguma vivência com o animal.

Era esperada uma parcela maior de pessoas com uma visão negativa sobre os catetos, tendo em vista que, em diferentes regiões do país, o cateto é relacionado à invasão em plantações. Entretanto, essa hipótese foi refutada, não se observou diferença na percepção negativa dos catetos entre moradores, que mantêm hortas ou outros cultivos em suas propriedades e os que não mantêm. O resultado indica que os efeitos negativos do cateto sobre as plantações podem ser pouco frequentes na maioria dos povoados deste estudo, ou ainda, que em algumas localidades esse animal seja menos frequente. Esse fato sugere ainda a estimativa de declínio populacional de *D. tajacu* na região do presente estudo (BRAGA et al., 2018). Devido à baixa densidade populacional, a espécie não tem representado ameaça à atividade agrícola de subsistência praticada na região.

Na maioria dos povoados estudados, os relatos de destruição de plantações foram poucos. Contudo, em uma localidade de poucos moradores, Catarina Mendes,

foram mencionados ataques frequentes, e que alguns habitantes desistiram de plantar, em função dos ataques desses animais. O mesmo foi reportado por moradores de Engenho d'Água. Esses dois povoados se encontram nas áreas de maior continuidade de cobertura florestal em comparação com as demais localidades e distritos analisados (vide figura 2). A ocorrência de catetos em zonas com fragmentos florestais menores que 1500 ha é menor (CHIARELLO 1999). Assim, é possível que a densidade populacional de *D. tajacu* e de outros mamíferos potenciais invasores de plantações seja maior nessas duas localidades onde há fragmentos florestais de maior extensão. Na Amazônia, agricultores do Médio Juruá, para manter o cultivo da mandioca doce livre de ataques de animais invasores, entre os quais figura o cateto, precisam investir em cercamento, vigilância, patrulhas com cães, entre outras medidas, que encarecem a produção e não são totalmente eficientes (ABRAHAMES *et al.*, 2018). Dessa forma, embora a variedade de mandioca doce seja mais fácil de ser produzida e processada para o consumo do que a mandioca brava, agricultores na Amazônia preferem o cultivo dessa última, por ser impalatável e tóxica às espécies invasoras. Em casos extremos eles até desistem de cultivar (ABRAHAMES *et al.*, 2018). Portanto, para que os danos às lavouras sejam reduzidos ou extintos na região da FLOE-Uaimií os agricultores deveriam considerar a instalação de cercas para impedir a aproximação dos catetos.

Um número significativo de moradores afirmou que o declínio populacional de animais é uma realidade, e que esse declínio é um problema. Foram frequentes as observações do tipo, “a natureza acabando, os bicho acaba tudo. Tem bicho que semeia”, “Atrapalha o equilíbrio da cadeia alimentar, fauna, flora, polinização das flores”, “a natureza é a casa deles”. De fato, a síndrome da floresta vazia (REDFORD, 1992) pode estar sendo percebida pela população, devido à falta dos animais ou mesmo porque recursos outrora disponíveis, se tornaram escassos. Segundo Lazure *et al.*, (2010), os catetos são granívoros e frugívoros especializados em predação e dispersão de sementes, com importante papel na estruturação das florestas. Ainda, outros grandes mamíferos que exercem funções semelhantes já se encontram localmente extintos na Mata Atlântica como as queixadas, *Tayassu pecari*, ou mesmo vulneráveis em nível nacional, como a anta, *Tapirus terrestris* (LIVRO VERMELHO, ICMBIO/MMA, 2018).

Uma parcela de moradores afirmou que a perda de fauna está atrelada à atividade de caça na região, porém a maioria dos entrevistados negou que a caça seja praticada na região. Em contrapartida, muitos souberam citar os métodos de caça utilizados na área de estudo, o que pode ser devido à prática atual ou à tradição de caça reportada pelos antigos habitantes que exploravam diretamente os recursos naturais outrora abundantes. Deve-se levar em conta também que mais da metade dos entrevistados reside na região há mais de 30 anos. Assim, há indícios de que a caça ainda

é exercida e os animais, principalmente os porcos, como os catetos, são vistos como recurso alimentar, uma vez que 55% das pessoas afirmaram que o cateto serve como alimento.

A natureza sempre foi vista pelos humanos como uma fonte de recursos alimentares (MICHEL *et al.*, 2020). No passado distante, essa relação de consumo de recursos animais e vegetais já foi equilibrada (ROSS, 1995; CARVALHO, 1994), porém o crescimento da população segue numa escala não natural, com mais de oito bilhões de pessoas. Se há quase 12 mil anos não tivéssemos iniciado o desenvolvimento de técnicas de agricultura, certamente teríamos esgotado o planeta ou no mínimo estaríamos prestes a isso (PAZ *et al.*, 2000).

Na era pós-moderna, em que vivemos hoje, a fauna silvestre ainda é vista como recurso alimentar por comunidades mais pobres e também por comunidades tradicionais (DUFFY *et al.*, 2015). As classes sociais menos favorecidas caçam ilegalmente como uma alternativa de subsistência, uma vez que lhes faltam recursos financeiros (ALVES *et al.*, 2009, 2012; BARBOSA *et al.*, 2014; NÓBREGA *et al.*, 2011). Essa relação pode ser estendida às comunidades rurais, que além de serem carentes, vivem isoladas dos centros urbanos e com maior contato com áreas naturais. No Nordeste do país, é observado que as comunidades rurais tradicionalmente se mantêm através da exploração dos recursos naturais, incluindo a caça de animais silvestres (BRAGAGNOLO *et al.*, 2017).

Em contrapartida, outros estudos evidenciaram que a caça é muito fomentada como forma de entretenimento ou por preferências culturais pela carne de animais silvestres (Alves *et al.*, 2009 e 2012; Barboza *et al.*, 2016; Santos, 2019). Apesar disso, ainda existe uma lacuna de conhecimento em relação à contribuição da carne de caça para a saúde e nutrição humana (INGRAM *et al.*, 2021; TORRES *et al.*, 2022; VAN VLIET *et al.*, 2017). A falta de pesquisas prejudica a construção de debates sobre as implicações éticas e de saúde, para serem associadas às políticas que buscam promover o uso sustentável da vida selvagem, uma vez que evidências científicas são fundamentais para embasar esses debates (TORRES *et al.*, 2022).

## **Conclusão**

Os catetos não estão localmente extintos na FLOE-Uaimií, porém são pouco avistados. Devido a esse menor número de encontros, a maioria dos moradores que plantam não tem aversão aos catetos, como era esperado, devido à sua conhecida fama de destruir plantações. A caça ilegal de animais silvestres é praticada na floresta estudada, e os catetos são um alvo comum, visto que sua carne é muito apreciada como recurso alimentar. Porém, não podemos inferir se esse recurso é ou não essencial para a subsistência dos moradores da região, sendo necessário um estudo específico sobre o nível social e o acesso à alimentação por esses moradores rurais.

O presente estudo mostra o valor da contribuição do conhecimento local, por meio de uma abordagem etnozoológica, na construção de dados científicos quanto a uma espécie em uma área de proteção ambiental. O desenvolvimento de estudos dessa natureza em diferentes contextos permitirá que se entenda a interação da população com o ambiente natural e possibilite o desenvolvimento de ações ajustadas às demandas socioambientais.

## Referências bibliográficas

ABRAHAMS, M.; PERES, C. A.; COSTA, H. C. M. 2018. Manioc Losses by Terrestrial Vertebrates in Western Brazilian Amazonia. **The Journal of Wildlife Management**, 82(4):734–746.

ÁLVARES, C. A.; STAPE, J.L.; SENTELHAS, P. C.; GONÇALVES, J. L. M.; SPAROVEK, G. (2014) Köppen's climate classification map for Brazil. **Meteorologische Zeitschrift** 22: 711– 728.

AMOROZO, M. C. M. & R. B. VIERTLER 2010. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F.; CUNHA, L. V. E. C. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. p. 76-82. Nuppea.

ANTUNES, AP, FEWSTER, RM, VENTICINQUE, EM, PERES, CA, LEVI, T., ROHE, F., & SHEPARD, GH (2016). Floresta vazia ou rios vazios? Um século de caça comercial na Amazônia. **Avanços científicos**. 2 , e1600936.

ALVES, R. R. N., GONÇALVES, M. B. R., & VIEIRA, W. L. S. (2012). Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido brasileiro. **Tropical Conservation Science**, 5, 394–416.

ALVES, RRN, NETO, NAL, BROOKS, SE, & ALBUQUERQUE, UP (2009). Commercialization of animal-derived remedies as complementary medicine in the Semi-arid Region of Northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, 124 , 600-608.

BARBOSA, E. D. O., SILVA, M. G. B., MEDEIROS, R. O., & CHAVES, M. F. (2014). Atividades cinegéticas direcionadas à avifauna em áreas rurais do município de Jaçanã, Rio Grande do Norte, Brasil. **Biotemas**, 27, 175–190

BARBOZA, R. R., LOPES, S. F., SOUTO, W. M. S., FERNANDES-FERREIRA, H., & ALVES, R. R. N. (2016). The role of game mammals as bushmeat in the Caatinga, northeast Brazil. **Ecology & Society**, 21.

BENNETT, EL; BLENCOWE, E.; BRANDON, K.; BROWN, D.; BURN, RW; COWLISHAW, G.; DAVIES, G.; DUBLIN, H.; FA, JE; MILNER-GULLAND, EJ; ROBINSON, JG; ROWCLIFFE, JM; UNDERWOOD, FM & WILKIE, DS (2007). Em busca de consenso: reconciliando a colheita de carne de caça, conservação e política de desenvolvimento na África Ocidental e Central. **Biologia da Conservação**, 21 , 884-887.

BRAGA, C. A. C.; PINTO, L. C. L.; MATEUS, M. B.; PIRES, M. R. S. 2018. Ethnozooology as complementary method to inventory medium and large-bodied mammals: the case study of Serra de Ouro Branco, Brazil. **Oecologia Australis** 22(1): 28-40.

BRAGAGNOLO, C., VIEIRA, FA, CORREIA, RA, MALHADO, ACM, & LADLE, RJ (2017a). Serviços Culturais na Caatinga. In: **Caatinga. Springer, Cham**.

BRAGAGNOLO, C., CORREIA, RA, MALHADO, ACM, DE MARINS, M., & LADLE, RJ (2017B). Compreendendo a não conformidade: percepções da população local sobre a exploração de recursos naturais em dois parques nacionais no nordeste do Brasil. **Journal for Nature Conservation**, 40 , 64–76.

CARVALHO, J.O. Projeto Áridas: uma estratégia de desenvolvimento sustentável para o nordeste. Brasília. 1994. 353p.

CHIARELLO A. G. 1999. Effects of fragmentation of the Atlantic forest on mammal communities in south-eastern Brazil. **Biological Conservation** 89 (1999) 71-82.

CHIARELLO A. G.; AGUIAR L. M. S.; CERQUEIRA R.; MELO F. R.; RODRIGUES F. H. G.; SILVA V. M. 2008. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Mamíferos ameaçados de extinção do Brasil. Belo Horizonte. MG: Fundação Biodiversitas. 344

CONSTANTINO, P.A.L. (2016). Efeitos do desmatamento e da caça na vida selvagem em terras indígenas amazônicas. **Ecology & Society**, 21 , 3.

CULLEN, L., BODMER, ER, & VALLADARES-PÁDUA, C. (2001). Consequências ecológicas da caça em manchas de Mata Atlântica, São Paulo, Brasil. **Oryx**, 35 , 137–144.

DIRZO, R. & RAVEN, P.H. 2003. Global state of biodiversity and loss. Annual Review of Environment and Resources, v. 28, pp. 137–167.

DUFFY, R., ST JOHN, FAV, BÜSCHER, B., & BROCKINGTON, D. (2015). Rumo a uma nova compreensão das ligações entre a pobreza e a caça ilegal de animais silvestres. **Biologia da Conservação**, 30 , 14–22.

ELLISON, J. E. & HARWELL, F. 1969. Mobility and home range of collared peccary in southern texas. **Journal of Wildlife Manage**. 33:425-427.

FARIA, CM, SOUZA SÁ, F., COSTA, DDL ET AL. 2018. O cateto nascido em cativo (Pecari tajacu, Tayassuidae) falha em discriminar entre modelos predadores e não predadores. **Acta ethol** 21, 175–184.

GALETTI, M.; KEUROGHLIAN, A.; HANADA, L.; MORATO, M. 2001. Frugivory and seed dispersal by the lowland tapir (*Tapirus terrestris*) in southeast Brazil. **Biotropica**, 33, 723–726.

GAMA, GM, MALHADO, ACM, BRAGAGNOLO, C., CORREIA, RA, & LADLE, RJ .2016. Viabilidade cultural da reintrodução do mutum alagoano ( *Pauxi mitu* Linnaeus, 1766) ecologicamente extinto no Nordeste do Brasil. **Journal for Nature Conservation**, 29, 25–32.

INGRAM, D. J., COAD, L., MILNER-GULLAND, E. J., ET AL. 2021. Wild meat is still on the menu: Progress in wild meat research, policy, and practice from 2002 to 2020. **Annual Review of Environment and Resources**, 46, 221–254.

ISA INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. 2018.

LAURANCE, W., VASCONCELOS, H., & LOVEJOY, T. 2000. Forest loss and fragmentation in the Amazon: implications for wildlife conservation. **Oryx**, 34 (1), 39-45.

LAZURE, L.; BACHAND, M.; ANSSEAU, C. & ALMEIDA-CORTEZ, J. S. 2010. Fate of native and introduced seeds consumed by captive white-lipped and collared peccaries (*Tayassu pecari*, Link 1795 and *Pecari tajacu*, Linnaeus 1758) in Atlantic rainforest, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, 70 (1): 47–53.

LESSA, L. G.; ALVES, H.; GEISE, L.; BARRETO, R. M. F. 2012. Mammals of medium and large size in a fragmented cerrado landscape in northeastern Minas Gerais state, Brazil. **Check List** 8(2): 192-196.

Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II – Mamíferos /1. ed. -- Brasília, DF : **ICMBio/MMA**, 2018.

MARQUES, J.G.W. 2002. O olhar (des) multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In Métodos de coleta e análise

de dados em etnobiologia e disciplinas correlatas M.C.M. Amorozo, L.C. Ming & S.M.P Silva (ed.). **UNESP**, Rio Claro. P. 31- 46.

MICHEL, N.L; WHELAN, C.J & VERUTES, G.M .2020. Serviços ecossistêmicos prestados por aves neotropicais. **O Condor: Aplicações Ornitológicas**, 122 , 1–21.

MILNER-GULLAND, EJ, BENNETT, EL. Reunião Anual Wild Meat Group. 2003. Carne selvagem: a foto maior. **Tendências em Ecologia e Evolução**, 18 , 351–357.

NAMKHAN, M., GALE, GA, SAVINI, T. E TANTIPISANUH, N. 2021. Loss and vulnerability of lowland forests in mainland Southeast Asia. **Biologia da Conservação**, 35: 206-215.

NASCIMENTO JUNIOR, A. F. 1993. A ecologia da cooperação social na caça e na defesa contra predadores em aves e mamíferos. In: **Encontro Anual de Etologia**, 11, Bauru-SP. p. 85-103.

NASI, R., BROWN, D., WILKIE, D., BENNETT, E., TUTIN, C., VAN TOL, G., & CHRISTOPHERSEN, T. 2008. Conservação e uso de recursos baseados na vida selvagem: a crise da carne de caça. **Secretaria da Convenção sobre Diversidade Biológica, Montreal, e Centro de Pesquisa Florestal Internacional (CIFOR)** Bogor.

NEAL, B. J. 1959. A contribution on the life history of the collared peccary in Arizona. **American Midland Naturalist**, 61:177-190.

NOGUEIRA FILHO, S. L. G. 1996. **A organização social de queixadas (*Tayassu pecari*) e caititus (*Tayassu tajacu*) em cativeiro**. Tese Doutorado. Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo.

NOGUEIRA FILHO, S. L. G.; NOGUEIRA, S. S. C.; SATO, T. 1999. Estrutura social de pecaris (Mammalia, Tayassuidae) em cativeiro. **Revista de Ecologia** 1:89-98.

NOWAK, D. M. & PARADISO, J. L. 1983. **Walker's Mammals of the World**. 2 ed. The John Hopkins University Press, EUA. p.1184-1185

OVERAL, W. L. (Orgs.). 1990. **Ethnobiology: implications and applications**, Belém, Museu Pararense Emílio Goledi.

PAZ, V.P.S; TEODORO, R. E. F; MENDONÇA, F. C. 2000. Recursos hídricos, agricultura irrigada e meio ambiente. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**.

- PEDRALLI, G.; GUIMARÃES NETO, A. S.; TEIXEIRA, M. C. B. 2001. Diversidade de anfíbios na região de Ouro Preto. **Ciência Hoje**, v.30, n.178, p.70-73.
- PERES, C. A. & PALACIOS, E. 2007. Basin-wide effects of game harvest on vertebrate population densities in Amazonian forests: implications for animal-mediated seed dispersal. **Biotropica** 39, 304–315.
- PINTO, L. C. L.; MATEUS, M. B.; PIRES, M. R. S. 2012. Conhecimentos e usos da fauna terrestre por moradores rurais da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil. **Interciencia**, Vol. 37 Nº 7.
- PRADO, H. M.; MURRIETA, R. S. S.; ADAMS, C.; BRONDIZIO, E. S. 2013. Complementary Viewpoints: Scientific and Local Knowledge of Ungulates in the Brazilian Atlantic Forest. **Journal of Ethnobiology**, 33(2):180-202.
- QUINLAN, M.B. 2017. The Freelisting Method. In: Liamputtong, P. (eds) **Handbook of Research Methods in Health Social Sciences** . Springer, Singapore.
- REDFORD, K. H. 1992. The empty forest. **BioScience**, v. 6: 412-422.
- REZENDE, R. A.; PRADO-FILHO, J. F.; SOBREIRA, F. G. 2011. Análise temporal da flora nativa no entorno de unidades de conservação – APA Cachoeira das Andorinhas e Floe-Uaimií, Ouro Preto, MG. **Revista Árvore**, v.35, n.3, p.435-443.
- ROBINSON, J.G, & BENNETT, E.L. 2002. A redução da pobreza resolverá a crise da carne de caça? **Oryx**, 36 , 332.
- ROBINSON, J.G, & BENNETT, E.L. 2000. Em busca da sustentabilidade nas florestas tropicais. **Biologia e gerenciamento de recursos na série trópicos, 1.ed., Columbia University Press**, Nova York.
- ROSS, J. L. S. 1995. Análise e síntese na abordagem geográfica da pesquisa para o planejamento ambiental. **Revista do departamento de Geografia USP**.
- SANTOS, S. S. N. 2019. Interações dos humanos com as aves silvestres no contexto socioeconômico e ambiental do semiárido em Casa Nova – BA. Master Thesis, **Universidade de Pernambuco**.

SANTOS, D.O.; MENDES, A.; NOGUEIRA, S.S.C.; NOGUEIRA FILHO, S. L. G. 2009. Criação comercial de caititus (*Pecari tajacu*): uma alternativa para o agronegócio. **Revista Brasileira de Saúde e Produção Animal**, v.10, n.1, p.1-10.

SANTOS, A., SATCHABUT, T., & VIGO TRAUCCO, G. 2011. Do wildlife trade bans enhance or undermine conservation efforts? **Applied Biodiversity Sciences Perspectives Series**, 1, 1–15.

SCHWEINSBURG, R. E. 1971. Home range movements and herd integrity of the collared peccary (*Tayassu tajacu*) J. Wildl. Man. 35:455-460 **Reintroduction Biology. Conservation Biology** 21:303-312.

SCOLFORO, J. R.& CARVALHO, L. M. T. **2006. Mapeamento e inventário da flora nativa e dos reflorestamentos de Minas Gerais**. Lavras: Universidade Federal de Lavras.

SILVA, M.M; FARIA, C.M; SOUZA SÁ, F; COSTA, D.D.L; CRISTIANA; DE DEUS, G. L; YOUNG, R.J & AZEVEDO, C.S. 2020. Etograma e orçamento tempo atividade dos colarinhos queixada (*Pecari tajacu* , Tayassuidae): implicações para a criação e bem-estar, **Journal of Natural History**, 54:25-26, 1617-1635.

SOWLS, L. K. 1984. **The peccaries**. The University of Arizona Press. Tucson, Arizona.

TABARELLI, M; AGUIAR, A.V; RIBEIRO, M.C; METZGER, J.P. & PERES, C.A. 2010. Perspectivas para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica: lições do envelhecimento de paisagens modificadas pelo homem. **Conservação Biológica**, 143, 2328–2340.

TORRES, P. C., MORSELLO, C., ORELLANA, J. D. Y., ALMEIDA, O., MORAES, A., CHACÓN-MONTALVÁN, E. A., PINTO, M. A. T., FINK, M. G. S., FREIRE, M. P., & PARRY, L. 2022. Wildmeat consumption and child health in Amazonia. **Scientific Reports**, 12, 5213.

VAN VLIET, N., MORENO, J., GOMEZ, J., ZHOU, W., FA, J. E., GOLDEN, C., ALVES, R. R. N., & NASI, R. .2017. Bushmeat and human health: Assessing the Evidence in tropical and sub-tropical forests. **Ethnobiology and Conservation**, 6.

## Apêndice



## **Anexos**

ANEXO I TCLE aprovado

Link para o PDF:

[file:///C:/Users/arthu/Downloads/TCLE\\_Cateto\\_APROVADO.pdf](file:///C:/Users/arthu/Downloads/TCLE_Cateto_APROVADO.pdf)

ANEXO II Licença Cep

Link para o PDF:

[file:///C:/Users/arthu/OneDrive/Documentos/TCC/TCC/Aprova%C3%A7%C3%A3o%20PB\\_PARECER\\_CONSUBSTANCIADO\\_CEP\\_2380834.pdf](file:///C:/Users/arthu/OneDrive/Documentos/TCC/TCC/Aprova%C3%A7%C3%A3o%20PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_2380834.pdf)

ANEXO III Perguntas da entrevista

Link para o PDF:

<file:///C:/Users/arthu/Downloads/Plantam%20onde%20moram.pdf>

ANEXO IV

Foto dos catetos tirada por Elder Salgueiro na fazenda Engenho D'água.

